

*JOÃO LUÍS FONTES*  
*MARIA FILOMENA ANDRADE*  
*TIAGO PIRES MARQUES*  
*(COORDENAÇÃO)*

**VOZES DA**  
**VIDA RELIGIOSA FEMININA**  
**EXPERIÊNCIAS, TEXTUALIDADES**  
**E SILÊNCIOS (SÉCULOS XV-XXI)**

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | CENTRO DE ESTUDOS  
DE HISTÓRIA RELIGIOSA

LISBOA 2015



## UMA TIPOLOGIA DE QUASE SILÊNCIO. UM SERMÃO DE CLARISSA: TEXTO E CONTEXTO

ISABEL MORUJÃO\*

### Um sermão feminino manuscrito

Num dos muitos arquivos nacionais, mais concretamente num Manuscrito da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, encontra-se um texto manuscrito anónimo, intitulado *Sermão do Glorioso Santo Aleixo, escrito pelo singular engenho de uma senhora religiosa do Convento de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Esperança desta cidade de Lisboa no ano de 1699*<sup>1</sup>, que constitui uma cópia claramente do século XVIII, pelo tipo de caligrafia que exhibe e que ocupa os fólhos 63 a 92. Trata-se de um texto surpreendente, que vem revelar uma tipologia discursiva muito escassa entre a produção literária monástica feminina até hoje conhecida e que, tanto quanto se sabe, corresponde a um género não editado em enunciação feminina, num claro contraste com a extraordinária profusão editorial que a sermonária, na sua enunciação masculina, conheceu em contexto português e, de um modo geral, por toda a Europa e espaços colonizados. Nesta moldura de singularidade (na ligação autoria-género), justificada pela sempre reiterada referência ao passo da epístola de S. Paulo 1 Cor 14,34 “Mulieres in ecclesia taceant”<sup>2</sup>, este sermão destaca-se sobretudo pela capacidade com que a sua autora nele procede às regras mais comuns da sermonária, sobretudo no que diz respeito à aplicação judiciosa do

---

\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».

<sup>1</sup> Manuscrito da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, nº 325.

<sup>2</sup> Trata-se, no fundo, de uma epístola da tradição paulina e não propriamente de uma epístola da segura autoria de S. Paulo.

conceito predicável. O conceito predicável (um passo da Escritura, em latim, que abre o tema de uma pregação) é sempre desenvolvido ao longo das várias partes do sermão, conferindo-lhe o autor a intenção pretendida. Neste caso, mediante a habilidade de um engenho agudo, o conceito predicável usado por esta religiosa clarissa (“Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te”, do cap. 19 de S. Mateus) serve para se demonstrar o que não saltaria aos olhos como evidente nem óbvio, menos ainda como lógico. A frase bíblica com que Pedro responde a Cristo neste excerto de S. Mateus transfere-a esta religiosa para o palco da sua demonstração engenhosa, para provar que ela não se aplica tanto a Pedro quanto a Aleixo, e que este último superou Pedro, quer no que deixou, quer no modo como seguiu a Cristo: “Eis que nós deixámos tudo e te seguimos” é, portanto, uma frase de S. Pedro que a religiosa considera mais emblemática da atitude de Santo Aleixo do que a de S. Pedro, convicção que a pregadora demonstrará em duas partes (“E assim mostrarei que excedeu a Pedro no que deixou e no como seguiu, ficando pelo que deixou o mais amante, e pelo como seguiu o mais extremoso. Vamos ao que deixou”), para provar e concluir a sua razão, encerrando o sermão com uma prece a Aleixo, para que permita a sua imitação de vida entre as religiosas do Mosteiro da Esperança e o alcançar da Graça e da Glória de Deus<sup>3</sup>. Deste modo, a religiosa respeita escrupulosamente a estrutura dos sermões da época, partindo do *exórdio*, invocando o auxílio divino para a *confirmação* em que desenvolve o seu argumento e finalizando com a *peroração*.

A memória dos textos bíblicos em latim e o seu agenciamento neste sermão viria certamente ao encontro de um auditório que conheceria bem as personagens neles implicadas, as quais, pela manipulação do engenho da oradora, se tornariam possibilidades expressivas para o locutor, que visava a persuasão de um interlocutor determinado. Ora, é preciso conhecer as circunstâncias concretas (ou as mais concretas que possamos delimitar), para que este sermão revele toda a sua finalidade, no contexto em que foi produzido.

O que torna difícil o nosso acesso, hoje, à realidade de ancoragem do sermão em causa é não proceder explicitamente a sua autora às regras da acomodação, isto é, ao encaminhamento claro e inequívoco do tema latino escolhido (neste caso, a resposta de S. Pedro a Cristo, no Evangelho de S. Mateus) para o contexto do seu discurso. Nada sabemos, de facto, através deste sermão, sobre o auditório específico que visava, sobre as razões pelas quais se centrou em Santo Aleixo (associadas ou não à moldura festiva de celebração litúrgica do dia deste santo), etc. Na ausência ou desconhecimento destas informações, a mensagem que se capta ficará seguramente aquém do que a descodificação linguística do texto permite ler, pois de algum modo nos escapa o contexto em que emerge, embora

<sup>3</sup> Quase todos os sermões do Padre António Vieira encerram também com esta perspectiva da Graça e da Glória.



a redação do texto por mão feminina sugira o Mosteiro da Esperança em que a autora professava como o seu mais provável destino de circulação.

Na verdade, sabemos apenas que a produção e leitura desta modalidade genológica não constituía raridade para a autora, facto que se deduz da naturalidade com que a oradora se dirige ao seu auditório, que se supõe habituado à sua ocorrência, pois o “hoje” em que situa a sua moldura temporal pressupõe a referência a outros dias semelhantes em que um sermão seu teve lugar perante o mesmo auditório: “intento descobrir no Evangelho o amor de Aleixo que hoje tomo por assunto”.

Acreditando que o Sermão foi escrito pelo “singular engenho de uma senhora religiosa”, o auditório que se perfila diante do leitor é o do próprio mosteiro onde foi produzido. Mas será realmente ou sê-lo-á na generalidade? Partindo de leituras comparadas com outros textos e outras autoras, uma das prioridades que tomarei neste trabalho será a proposta de identificação justificada da autora deste anónimo texto, bem como a delineação do contexto da sua produção, procurando, deste modo, que se faça luz sobre a mensagem efetiva que ele pretende alcançar. Assim se procurará ponderar a real função deste sermão – esse género de produção insuspeitada na clausura feminina portuguesa, dado que implicava uma gestão de saberes vários que não eram adequados a senhoras e que, por isso, relegavam a sermonária para a esfera do *múnus sacerdotal*<sup>4</sup>. Aliás, os sermões constituíram um género de grande impacto público, que pressupunha conhecimentos de teologia e de retórica, implicando quase uma oficina permanente de formação. Apesar disso, tiveram larga repercussão entre os ambientes monásticos femininos, e várias religiosas comentaram, por exemplo, sermões do Padre António Vieira, ora criticando a falta de clareza das suas deduções, ora elogiando o engenho do seu discurso, ora glosando frases pronunciadas pelo orador, etc. A mexicana Sor Juana Inés de la Cruz, Soror Feliciano Maria de Milão, Soror Violante do Céu e Soror Maria do Céu constituem exemplos eloquentes do que acabamos de dizer, sobretudo a segunda, que, a propósito do célebre sermão que Vieira não chegou a pregar na Capela Real, por ocasião dos anos da Rainha, em 1668, emitiu pareceres

<sup>4</sup> No entanto, em Margarida Vieira Mendes – *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa: Caminho, 1989, p. 70, após referir a importância dos sermonários no século XVII como manuais de formação, com índice dos títulos, das matérias e da aplicabilidade destas às várias ocasiões, sublinha a sua intensa circulação, impressa e manuscrita. Neste particular, realça o papel mediador das religiosas na transcrição dos sermões, o que ajuda a compreender a aquisição de mestrias sermonárias no âmbito monástico feminino: “Servia essa circulação de cópias para ajudar, com *materia praedicabile*, a inspiração dos pregadores, principiantes ou não, que se apropriavam de passos desses sermões alheios: as miscelâneas manuscritas reuniam vários desses autores, que muitas vezes não nomeavam, ou confundiam. Serviam igualmente a devoção das freiras, que tomavam a cargo a sua redação. As autoridades eclesásticas, mormente a Inquisição, mostraram-se avessas a tal circulação privada, por permitir a propagação incontrolável de heresias”.

algo críticos sobre o orador jesuíta<sup>5</sup>, a partir de uma cópia manuscrita do sermão em causa, a que a religiosa teve acesso através de uma amiga que lho enviou, pedindo as suas impressões. De facto, Feliciano Maria de Milão, que responde por carta, parece não reconhecer em si os dotes de comentadora que a amiga lhe pressupõe, mas, após este breve tópico de modéstia, esmiuça mordazmente o sermão em causa: “quando me enxergastes vós génio de Mestre Jacques deste mundo, que me mandeis perguntar que censura pode dar-se ao sermão que me enviastes do Padre António Vieira?”.

Apesar da comum manipulação dos textos da sermonária dos pregadores da altura em sede monástica e das estratégias editoriais que, ao nível dos paratextos, procuraram legitimar a capacidade e/ou a possibilidade de ensino às senhoras, sobretudo se religiosas<sup>6</sup> (ao arrepio do texto da escola paulina), não subsistem nos arquivos portugueses muitos exemplos desta prática discursiva com origem feminina, sinal de que, mesmo podendo ter sido uma realidade comum dentro dos mosteiros, tê-lo-á sido sobretudo no plano da descodificação, tendo certamente existido, enquanto construção de autoria feminina, apenas no interior menos visível da sua vida quotidiana, entre grupos restritos e muito concretos, só em suporte manuscrito. Desconhecem-se exemplos editados de sermões femininos.

Neste quadro, a descoberta deste sermão manuscrito sobre Santo Aleixo permite aceder a mais um tipo discursivo produzido nos mosteiros femininos, e suspeitar do que terão sido os contornos da *auctoritas* e da autorialidade feminina nesse século XVII em que o texto em causa foi produzido dentro dos muros conventuais. A análise da sua temática e dos seus modelos de escrita a montante e a jusante permitirá integrá-lo numa funcionalidade muito própria, possibilitando quer a compreensão da razão pela qual esta religiosa terá convocado Santo Aleixo como tema de sermão, quer o tipo de destinatárias que lhe subjaz.

Santo Aleixo não constituiu nunca, apesar do seu interesse, objeto de pregação do Padre António Vieira, que não lhe dedica nenhum dos seus inúmeros sermões. Outras terão, portanto, sido as inspirações da religiosa, no que diz respeito a modelos e matrizes.

### Em busca de uma autora

São muitos os exemplos de ocultação autoral na literatura de todos os tempos. No entanto, no caso de autoras femininas, a situação explica-se pela falta de reconhecimento de “autorialidade” que marcou a escrita feminina dos séculos XVI a

<sup>5</sup> Cf. Isabel Morujão – Vieira: imagens do pregador entre a clausura feminina. In *A Sedução da Palavra*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2014 (no prelo).

<sup>6</sup> Cf. Isabel Morujão – Images de la femme-auteur dans les paratextes des oeuvres narratives féminines portugaises à l'Age Moderne. *Via Spiritus*. 19 (2012) 145-167.



XVIII. No caso das religiosas, se a autoridade que se associou à sua voz provinha do estatuto privilegiado de que gozavam enquanto Esposas de Cristo, não se pode esquecer, no entanto, que a humildade, a modéstia, a experiência de procurarem ser em tudo as mais pequenas conduziu à ocultação e silenciamento dos discursos que proferiam no exercício dos vários cargos que ocupavam nos mosteiros. Afirma Carlos Silva que “o sagrado, isto é, o total e o perfeito, não se deixa dizer senão em linguagens que tenham liminar consciência de si mesmas, isto é, do próprio signo”<sup>7</sup>. Ora, no sermão em apreço, a religiosa começa justamente por reconhecer a insuficiência da retórica e da oratória para versar a vida – a todos os títulos singularíssima e prodigiosa – de um santo extraordinário: “Se do maior prodígio só pode ser relator o silêncio, maior parece arrojo da temeridade que impulso da devoção pretender hoje reduzir a palavras uma maravilha que emudece a melhor retórica”. No entanto, apesar da dificuldade, o *ethos* da oradora afirma-se pela ousadia de se lançar a essa tarefa impossível, explicando Aleixo “quem o não pode compreender”. Porque “sempre a fortuna favoreceu a ousadia”. Este é, aliás, um tópico recorrente na escrita feminina monástica, sobretudo em autoras que editaram muito.

Assim, a indicação do manuscrito de que se trata de um sermão produzido pelo engenho de uma religiosa do Mosteiro da Esperança facilmente nos conduz a uma de duas possibilidades de autoria. Por esta data de 1699, só Soror Maria do Céu ou Soror Madalena da Glória gozariam da fama literária de “engenhosas”, que as levaria aos prelos a partir da década de 30 do século XVIII.

Soror Madalena da Glória nasceu em 1672, tendo Soror Maria do Céu nascido quase vinte anos antes, em 1658. Por estes anos de 1699, nenhuma delas tinha ainda publicado obra, contando Madalena da Glória vinte e sete anos e Maria do Céu quarenta e um. A maturidade, alguma ousadia, a *auctoritas* que a autora deste sermão testemunha ao longo de todo o texto talvez indiquem tratar-se de Soror Maria do Céu. No entanto, só em 1715 sai publicada a sua biografia de Santa Catarina (*A Fénix Aparecida na vida, morte, sepultura & milagres da Gloriosa Sta. Catarina*), em 1731 *A Preciosa. Alegoria Moral* e, em 1733, *A Preciosa. Obras de Misericórdia*. Por seu lado, Madalena da Glória só publicará o primeiro livro em 1733, o *Astro Brilhante em Novo Mundo*, uma biografia da então recentemente canonizada Santa Rosa de Lima, seguida, em 1734, da novena da mesma santa. Qualquer uma delas poderia, à partida, ter assinado este texto, mas o que verdadeiramente nos sugere que a autoria deste sermão se deve a Soror Maria do Céu é a verificação do que a teoria e crítica literárias vêm dizendo há já uns anos: “a oratória sacra foi a formação discursiva com mais peso no século XVII português”<sup>8</sup>. Por outras palavras, os modos argumentativos, a dimensão persuasiva

<sup>7</sup> Carlos Silva – Dos signos Primitivos. *Análise. Publicação Semestral de Filosofia*. I:2 (1984) 33.

<sup>8</sup> Margarida Vieira Mendes – *A Oratória Barroca de Vieira...*, p. 207.

e a ação sobre o destinatário intentada pelo sermão dão lugar a contaminações que fecundam outras tipologias literárias, como a poesia lírica, a novela, o teatro, a hagiografia, a novena, etc. Assim, a análise da globalidade da obra produzida pelas duas religiosas do mosteiro da Esperança permite eleger Soror Maria do Céu como hipótese mais sustentável, por razões várias, que passarei a explicitar. Em primeiro lugar, porque a religiosa glosou excepcionalmente um excerto de um sermão do Padre António Vieira<sup>9</sup>, no seu poema “Sobre as Palavras do Padre Vieira”<sup>10</sup>, sinal da sua atenção e interesse pelo sermão como caixa de ressonâncias várias, temáticas, estruturais, lexicais. O poema de Maria do Céu glosa, ao longo de trinta e uma estrofes, as palavras que Vieira reitera ao longo do seu sermão (“Tudo passa para a vida, e nada para a conta”), a partir da passagem bíblica de Lucas 21, 33, “Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão”, num diálogo textual de delicados enlaçamentos<sup>11</sup> que não cabe aqui explicitar. A relação entre a estrutura discursiva de Soror Maria do Céu e as formulações textuais de um sermão aparece, aliás, sublinhada nas páginas preliminares de *A Preciosa. Obras de Misericórdia*, onde, no “A quem ler”, a propósito da utilidade abrangente da obra de Soror Maria do Céu, se afirma: “Até se ao sacro ministério do púlpito fores dedicado, de brevíssimos dísticos poderás colher mui naturais assuntos para os teus discursos”<sup>12</sup>.

Mas o que é mais importante realçar é que, na mesma edição de *A Preciosa. Obras de Misericórdia*, Maria do Céu dedicou concretamente a Santo Aleixo<sup>13</sup> uma mini hagiografia, no capítulo *Flos Sanctorum pequeno*, a que deu o título de

#### História de Aleixo Romano

Aleixo nasceu como muitos,  
Casou como poucos,  
Viveu como nenhum<sup>14</sup>.

#### Suas façanhas

Triunfou do amor,  
Do sangue,  
E da fermosura.

<sup>9</sup> Cf. *Sermão da Primeira Domingo do Advento*, pregado em 1655 na Capela Real.

<sup>10</sup> Glosa inserida em Maria do Céu – *A Preciosa: obras de misericórdia* (...). Lisboa: Oficina da Música, [1733?], p. 353.

<sup>11</sup> Sobre este assunto, ver Isabel Morujão – *Por trás da grade* (...). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2013, p. 338.

<sup>12</sup> In “A Quem ler”, Preliminares de Maria do Céu – *A Preciosa: obras de misericórdia*...

<sup>13</sup> Cf. Maria do Céu – *A Preciosa: obras de misericórdia*..., p. 311.

<sup>14</sup> A comparação dos aspetos da vida de Aleixo com outros santos, que se processa ao longo de todo o sermão, desemboca variadas vezes na conclusão do terceiro verso da “História de Aleixo Romano”.



Realce-se ainda que o segundo tomo desta mesma obra abre, curiosamente, com um “Elogio a Santo Aleixo”, desta vez no âmbito do *Flos Sanctorum General*, em prosa, que contém onze vidas de santos. A este elogio segue-se um novenário ao mesmo santo e outros textos em que Aleixo acaba por ser figura central, por aí se individualizando na panóplia devocional da época, pois Santo Aleixo não é muito recorrente na literatura hagiográfica produzida em Portugal, se excetuarmos o *Auto de Santo Aleixo*, de Baltasar Dias, que conheceu uma edição em Lisboa, em 1659. Talvez não seja casual o conjunto dos três autos dedicados a Santo Aleixo que se editam quer em *Enganos do Bosque*, *Desenganos do Rio* (1741), quer em *Obras Varias y Admirables de la Madre Maria do Ceo* (Madrid 1744), onde a ideia de *fineza de amor* é bastante recorrente, manifestando-se desde logo no título de uma das peças: *Mayor Fineza de Amor*...

A convicção de que Aleixo ultrapassou em muito as manifestações de amor a Deus que os santos mais conhecidos e autorizados demonstraram está presente nestas representações, tal como esteve no sermão.

*Dentro Cajas y voces:*

“Viva Alejo, Alejo viva:

De finezas triunfador”<sup>15</sup>.

Também a ideia de que Aleixo seguiu o seu próprio instinto de amor a Deus, contra tudo e todos e até contra si próprio constitui um elemento que o demarca dos restantes santos e lhe confere uma identidade muito própria:

“*Celia*: Quiero que en breve cuestión

Se juzgue aqui cual ha sido

Entre finezas mayor”<sup>16</sup>

“*Musica*: La fineza mayor

Es buscar los peligros amor,

Porque no vence el que vence,

Sin tener oposición”<sup>17</sup>.

“*Pedro*: Yo fui piedra.

*Esteban*: Yo fui víctima.

*Antonio*: Yo fui fiera.

*Alejo*: Yo fui yo”<sup>18</sup>.

<sup>15</sup> “Representación de S. Alexo, intitulada mayor fineza de Amor”, in *Enganos do Bosque*, p. 230.

<sup>16</sup> “Representación de S. Alexo, intitulada mayor fineza de Amor”, in *Enganos do Bosque*, p. 220.

<sup>17</sup> “Representación de S. Alexo, intitulada mayor fineza de Amor”, in *Enganos do Bosque*, p. 226 e 230.

<sup>18</sup> “Representación de S. Alexo, intitulada mayor fineza de Amor”, in *Enganos do Bosque*, p. 225.



Aliás, a palavra *fineza* ocorre dez vezes no sermão da religiosa.

Celebrando-se a festa de Santo Aleixo a 17 de março, Diogo do Rosário não o inclui no entanto no elenco de “Histórias de Vidas e feitos insignes dos santos” que compõem o seu *Flos Sanctorum*, editado em Lisboa, em 1585, por António Ribeiro, indiciando deste modo que Aleixo não tinha uma presença muito significativa no séc. XVI português, pelo menos no âmbito dos destinatários visados por Diogo do Rosário. Aliás, mesmo no séc. XVII, nunca, como se disse já, o Padre Vieira lhe dedicou nenhum dos seus sermões, do mesmo modo que Jerónimo Ribeiro de Carvalho ou outros pregadores afamados.

Na esfera da hagiografia monástica feminina, Santo Aleixo também não colheu a melhor fortuna, pelo que haverá que entender a razão desta recorrência de Santo Aleixo em Soror Maria do Céu, que, aliás, foi exímia, no seu tempo, em recuperar uma população celestial menos comum: Santo Antão Abade, Santa Petronilha, S. Paulo Eremita, Santa Doroteia, etc.

A presença de Santo Aleixo noutros textos de Soror Maria do Céu posteriores a este sermão talvez possa confirmar que, a ser ela a sua autora, a estrutura sermonária em que moldou inicialmente a figura de Santo Aleixo terá contaminado outras tipologias literárias. De facto, a atração recorrente em torno de Aleixo aparece associada, na produção literária de Soror Maria do Céu, a uma intertextualidade interna que indicia estarmos em presença da verdadeira autora do sermão em apreço.

Soror Maria do Céu nasceu a 11 de setembro de 1658 e entrou para o Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Lisboa aos 16 anos de idade, professando em 27 de junho de 1676, com dezoito anos. O seu primeiro triénio de abadessa decorreu entre 2 de julho de 1713 e 1716. Do segundo triénio só exerceu o cargo por “um ano menos quatro dias”, conforme relata o cronista da Ordem, Frei António do Sacramento (fls. 76r-77r). Perante esta cronologia, o sermão não terá sido proferido durante o exercício do cargo de abadessa, mas, talvez, no âmbito do de Mestra de Noviças, o que lhe retira em projeção quanto ganha em funcionalidade pedagógica, formativa e persuasiva. O cargo de Mestra de Noviças foi o primeiro para o qual a comunidade a elegeu, tendo logo a seguir sido porteira e, mais tarde, duas vezes abadessa.

Terá, portanto, sido no exercício do cargo de Mestra de Noviças que Soror Maria do Céu terá escrito este *Sermão de Santo Aleixo*, para um público feminino e restrito (as noviças do Mosteiro da Esperança), em torno de um modelo hagiográfico que constituía, do seu ponto de vista, um paradigma modelar de abandono da vida familiar, em busca de uma radical experiência de espiritualidade. Aliás, o tema do sermão, ao enfatizar a forma como Aleixo abandona a sua família de sangue no dia mesmo em que, pelo seu casamento, constituía ele próprio uma família, de algum modo parece querer atalhar a problemas que seriam comuns entre noviças, que se encontravam em fase probatória da sua vocação, num momento de vida em que as saudades da casa ou da família que recentemente

tinham deixado mais se fariam sentir. Estas mulheres poderiam encontrar em Aleixo um exemplo firme a que se arrimassem, em altura de maior fragilidade ou angústia. E seria natural ou provável que as Mestras de Noviças atuassem junto das suas orientandas através da forma discursiva do sermão.

### Um santo singular para uma comunidade plural

Como já se disse, em nenhum momento a autora alude ao seu auditório e, conseqüentemente, o que aqui se propõe e conclui resulta de uma leitura do sermão no âmbito da totalidade da obra de Soror Maria do Céu, assinalando a intertextualidade interna que nela se capta em torno de Santo Aleixo. Haveria, certamente, no mosteiro da Esperança, alguma relação da vida do santo, que desconhecemos qual tenha sido, mas a religiosa incita as suas companheiras a lerem-na, o que permite duas constatações: a de que a biblioteca de noviças comportava hagiografias pouco comuns na época; e a de que a formação do noviciado da Esperança pressupunha a consolidação, pela leitura, das orientações espirituais recebidas oralmente. A estratégia discursiva do sermão lança desafios, acende curiosidades que movem à leitura, assinala comportamentos que suscitam a confirmação e a meditação: “Todos os santos seguiram a Cristo pelo caminho da cruz, porque ele nos ensina ser este o mais seguro: *Tollat crucem suam et sequitur me*. Pois se isto fizeram todos, e isto faz Aleixo, em que faz logo Aleixo mais que todos? Lede a sua vida e achareis a singularidade da sua cruz”.

Os aspetos da vida de Santo Aleixo que a autora do sermão mais retém, são os que marcam o seu regresso a casa, mais do que aqueles que, mesmo sendo muito dolorosos, assinalaram a sua partida, no dia da sua boda. Como se sabe, Aleixo de Roma era o único filho de uma família cristã abastada, que viveu durante o governo do imperador Teodósio, em 380. Desde jovem que pretendia dedicar-se ao serviço de Deus, mas não ousou desobedecer a seus pais, que já haviam tratado do seu casamento. No dia da boda, antes de consumir o casamento, Aleixo entrega um anel à sua mulher, pedindo-lhe para o guardar e para rezar por ambos, para que pudessem ter uma vida nova. E saiu de casa em segredo, para longe, em Edessa, onde se dedicou à mendicância durante dezoito anos. Invenções suas de santificação e martírio conduzem-no de novo a casa dos pais, onde, porque estava irreconhecível, ninguém percebeu quem ele era. E assim, Aleixo resolve pedir afigurarida, decidido a pôr à prova o seu amor por Deus, na capacidade de resistir ao mundo e aos afetos, na intimidade do lar. Leia-se a autora:

“(…) Ali o combatiam inimigos mais poderosos que faziam guerra a seus sentidos, porque ali ouvia Aleixo queixas de sua Mãe que ausente o lamentava; testemunhava penas de seu Pai que ausente o sentia; escutava suspiros de sua esposa, que a deixara; vivia de suas memórias e morria das suas saudades”.



Na novena em verso que, anos mais tarde, escreverá em honra do santo, Soror Maria do Céu sintetizará fundamentalmente este momento difícil de provação:

“A su casa vuelve Alejo  
Y ansi su exceso creció  
Que la fineza en el riesgo  
Acredita su valor;  
De sus padres oye el llanto,  
Duelese pero sin voz,  
Que es piedra para el silencio  
Que es hombre para el valor<sup>19</sup>.”

A poesia configura mais densamente a heroicidade de Aleixo, através da sua muito específica estruturação, mas repare-se como “duelese” equivale a “morria das suas saudades” que aparece no sermão; e como a antítese viver-morrer se replica na antítese poética “piedra-hombre”. Os ecos não se ficam por aqui. “Queixas e penas” sintetizam-se em “llanto”, “inimigos poderosos” explicam o “riesgo” do poema e o “valor” resulta da “guerra a seus sentidos” descrita no sermão.

Apesar de ser uma figura masculina que, por esse facto, não se esperaria ver assumir tal recorrência nas propostas hagiográficas da produção literária de uma monja (sobretudo não pertencendo Santo Aleixo à genealogia dos fundadores da Ordem de S. Francisco), Aleixo é proposto à imitação não tanto pela sua forma de vida ou pela sua mendicância e eremitismo, mas, sobretudo, neste sermão, pela capacidade de resistir aos apelos do sangue, da carne, dos laços familiares, confirmando-se assim como demonstração de que ama mais e melhor quem ama a Deus resistindo heroicamente ao contexto das memórias muito fortes dos laços da família e dos afetos.

É por esta perspetiva que Soror Maria do Céu propõe Santo Aleixo ao seu auditório do sermão, que, a ter sido composto, como se supõe, durante o exercício do seu cargo de Mestra de Noviças, para as respetivas religiosas do Mosteiro da Esperança, estas encontrariam nesta proposta da sua Mestra uma resposta às dificuldades que experimentariam face à ausência da sua casa de família. O modelo do santo serviria às noviças para “não deixar medrar a erva agreste que poderá destruir a flor mimosa”<sup>20</sup>, parafraseando Soror Maria do Céu. De facto, quando publica *Aves Ilustradas em Avisos para as religiosas servirem os ofícios nos seus conventos*, em 1734, no capítulo intitulado “O pintassilgo à Mestra de Noviças”, a ave

<sup>19</sup> Maria do Céu – *A Preciosa: obras de misericórdia...*, Novena, 4º dia, p. 336.

<sup>20</sup> Soror Maria do Céu – *Aves Ilustradas em Avisos para as religiosas servirem os ofícios nos seus conventos*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1734, p. 40.



adverte a Mestra do seguinte modo: “Criaí-as para religiosas, e nesta virtude lhes segurais todas as mais”.

É neste ponto que os avisos parecem cruzar a intencionalidade já deixada no sermão, pois o pintassilgo reforça justamente a insistência que a Mestra deve colocar em formar as religiosas como Esposas de Cristo. Seguindo a metodologia do Padre António Vieira, que recomendara ao seu auditório “Tratai a vossa alma como tratais ao vosso cavalo”, o pintassilgo adverte a Mestra de Noviças, adequando o cavalo (próprio de homens) ao contexto feminino do tratamento de flores:

“Ao depois de cercardes ao vosso craveiro o chegastes aonde lhe desse o sol, para que com o seu calor o vivificasse; a esta imitação procurai dar calor a estas plantas que criais para esposas de Deus, chegando-as muito à oração. (...) Ali estudarão as galas nupciais e receberão as jóias para o dia das bodas. Em aquele fogo consumirão as saudades do mundo e as escórias da terra”<sup>21</sup>.

Por fim, termina a sua advertência, dizendo: “Tenho, Senhora, dado fim ao meu discurso ou aos meus avisos e em uma palavra vos incluo todos: considerai que criais esposas para Deus e não para os homens. Tudo para que, ‘porque son flores oy, sean estrellas mañana’”<sup>22</sup>.

A polaridade Deus/homens está já bem vincada no *Sermão de Santo Aleixo*, como se verá. Aliás, o sermão, ao apresentar Santo Aleixo como um homem que foge às núpcias humanas para procurar as divinas, constituiu certamente o primeiro esboço deste conselho que encontrará eco nas *Aves Ilustradas*: as noviças criam-se para Esposas de Cristo, não dos homens. Esse é o tempo de interiorizarem a vocação e a especificidade do seu matrimónio. Esse é o tempo de se lhes mostrar que o amor humano é retórico e enganador, pois os ciúmes minam as relações e o mundo dos afetos com suspeitas e tentativas de confirmação da verdade do amor. Cristo é, pois, o amor seguro. Por ele tudo deixaram todos os santos e Aleixo mais do que todos. Por isso ele é “como nenhum”, como Maria do Céu sintetizou na “História de Aleixo Romano” e como tantas vezes aparece superlativado no sermão do Mosteiro da Esperança: “o ser como todos o deixou como nenhum”; “Esta é a singularidade que a cruz de Aleixo faz às dos mais santos, com que não sendo nenhuma como a sua, foi a sua como todas, porque incluiu as mais”, etc.

De algum modo, os textos posteriores ao sermão escritos por Soror Maria do Céu permitem esclarecer o sentido e a função deste género concionatório a que se dedicou antes mesmo de editar a sua obra. A sua preocupação em bem formar

<sup>21</sup> Soror Maria do Céu – *Aves Ilustradas*..., p. 47.

<sup>22</sup> Soror Maria do Céu – *Aves Ilustradas*..., p. 53.

noviças não deflui de nenhuma parte do sermão manuscrito que tem ocupado a atenção deste texto, nem as noviças aparecem aí explícita ou implicitamente referidas. Aliás, em nenhum momento se percebe que o auditório é feminino. Mas o modelo de Aleixo, que se apresenta, na sua demonstração, como superior a S. Pedro no que deixa e no como deixa, parece adequar-se a este universo, sem necessidade de o referenciar explicitamente. De facto, Pedro, já longamente vivido, deixou as redes a que se acostumara, pobres e velhas, enquanto Aleixo deixa a noiva no dia do casamento, deixa a família e abre mão de uma vida de luxos e felicidades que ainda não experimentara. E fá-lo radicalmente, a tal ponto que, para mais realçar a sua resistência à saudade da casa e da família, regressa ao lar após vários anos de mendicância que o tornaram irreconhecível, e, sempre mantendo o anonimato, pede a seu Pai que o acolha naquela casa. E ali ficou, ouvindo as saudades da Mãe, do pai e da mulher, resistindo à tentação de se lhes revelar e sofrendo na constatação diária do sofrimento deles.

Este modelo de comportamento, resistente às saudades de casa e escolhendo, face ao forte amor da família, o mais importante amor a Deus, adequa-se especialmente ao estatuto e condição das noviças. E Soror Maria do Céu constrói hábil e subtilmente a adequação do tema a este suposto auditório de noviças, ao demonstrar, comparativamente com outros santos e outras figuras bíblicas, de que modo o único amor seguro é o amor a Deus e de Deus. Trata-se de um sermão que não está longe da grande preocupação de Soror Maria do Céu em centrar no coração amante de Deus a raiz da vida religiosa. Será por esse motivo que, entre os vários santos masculinos que, ao longo da sua extensa produção literária, proporá como modelos (Santo Aleixo, Santo Antão, S. Paulo Eremita, etc.), se pode encontrar a lição que pretende incutir na espiritualidade do seu mosteiro: viver na clausura tão desvinculada do mundo, como se fora em deserto.

“E tu, que nestes cantos mal limados,  
mereces encontrar a grave história,  
seu exemplo tomando, raro e certo,  
faze em teu coração o teu Deserto.”<sup>23</sup>

Um apelo que conclui o poema a S. Paulo Eremita, mas que poderia ser também o encerramento deste sermão de Santo Aleixo...

Este sermão, na realidade, ressoa as temáticas, as funções e as orientações discursivas dos textos que Maria do Céu foi publicando posteriormente e, nessa permeabilidade, abre-se à nossa leitura, iluminando os seus trilhos de sentido.

<sup>23</sup> Ver Isabel Morujão – O Tema do Eremitismo na Literatura Conventual Feminina: *S. Paulo Eremita* em *A Preciosa* de Soror Maria do Céu: dos relatos em prosa à narrativa épica. *Via Spiritus*. 9 (2002), 265.



## Consciência e arte de pregação

Neste sermão, ao falar de Adão e Eva, Soror Maria do Céu demonstra que o castigo de Adão resultou de este ter dado mais ouvidos a Eva do que a Deus, realçando assim as imperfeições do amor humano, mas, também, simultaneamente, a possibilidade de as vencer, à semelhança do que fizera Aleixo. Mas, ao fazê-lo, reivindica, sem constrangimento, uma perspectiva própria sobre a narrativa genesíaca:

“Agora entra o meu reparo: Não foi Adão criado em graça? Não o adornou Deus de todas as virtudes em perfeito grau? Não tinha recebido de Deus tantos benefícios? (...) Sim. Pois por que não repreende a Eva<sup>24</sup> a inobediência? Por que não serra os ouvidos a seus rogos? Por que faz caso de seus carinhos? Pois estava primeiro que tudo o preceito de Deus? É opinião comum que Adão, por não desgostar a Eva, não reparou em cometer a culpa, ele mesmo o dá a entender nas suas palavras *Mulier quam dedisti mihi*. Assim pois Adão faz mais caso de desgostar a Eva do que de perder a graça, faz mais conta dos seus arrufos que dos devinos preceitos; antepõe o seu amor ao de Deus, sendo criado por ele, e a mais perfeita obra de suas mãos. Pois excede Aleixo a sua virtude, pois leva // a palma a sua constância, pois não bastaram a rendê-lo tantas ânsias, tantas lágrimas de sua esposa, antes adonde Adão achou tropeços para cair, Aleixo buscou armas para triunfar, para que vissemos que a todos excedia no ânimo quem a todos avantejava no martírio de que formou a sua cruz”.

Não deixa de ser significativo este modo de apresentar o pecado de Adão, sentindo-se nesta opção a ressonância de um sermão do Padre António Vieira, datado de 1652, o *Sermão no Sábado Quarto da Quaresma*. Aí procura Vieira mostrar que a tentação ou o diabo reside no próprio homem, que é o tentador de si mesmo. Não é este o objetivo do sermão do Mosteiro da Esperança, mas é coincidente a percepção da forma como Adão come do fruto proibido que lhe oferece Eva:

“Pôs (diz) a Adão no Paraíso, para que o cultivasse e guardasse (...). De quem havia de guardar o Paraíso Adão? Dos animais? Não, porque todos lhe eram obedientes e sujeitos. Dos homens? Não, porque não havia homens. Pois se o não havia de guardar dos homens nem dos animais, de quem o havia de guardar? De quem o não guardou: de si mesmo. Guarde-se Adão de Adão, e guardará o Paraíso”<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> A figura de Eva poderá ter sido convocada neste sermão de Soror Maria do Céu por inspiração de um outro sermão de Vieira, pregado na Misericórdia de Lisboa em 1669, o *Sermão da quinta Quarta-feira da Quaresma*, no qual o Padre Vieira pretende demonstrar a cegueira da humanidade e o ilustra com a cegueira de Eva, que viu o que não devia ver e não viu o que devia ver. Mas trata-se de uma mera conjectura, a necessitar de desenvolvimentos que não cabem neste lugar...

<sup>25</sup> Padre António Vieira – *Sermão no Sábado Quarto da Quaresma*, pregado em Lisboa em 1652. In Alcir Pécora (org.) – *Sermões*. tomo I. S. Paulo: Hedra, 2001, p. 222-223.



Ambos os autores (Vieira e Maria do Céu) recorrem às figurações e narrativas do Paraíso, valendo-se de factos semelhantes (Adão não guardou bem o Paraíso, segundo o preceito de Deus), embora com objetivos diferentes: Vieira quis provar que o maior inimigo do homem é ele próprio, Maria do Céu querendo mostrar que Aleixo venceu onde Adão falhou.

De permeio, a autora vai tecendo considerações comparativas entre o amor no Paraíso (em que Eva sabe que não havia outro homem para além de Adão e nessa união residia a verdade de todo o amor) e o amor da sociedade do seu tempo, armadilhado pela fraqueza humana: “por isso o amor no mundo hoje traz venda, porque como é mentira o que trata, não se atreve a andar de cara descoberta”. Deste modo, as noviças veriam reafirmada a segurança da via que haviam seguido, na constatação de que só o amor de Deus é certo. E, simultaneamente, encontrariam em Aleixo a prova de que era possível vencer a ausência de casa, porque Aleixo o conseguira em condições bem mais adversas. Daí o sermão se expandir sobretudo a partir do núcleo narrativo da vida de Aleixo que se refere à provação em casa dos pais.

Estamos, portanto, perante um sermão de natureza didática, formativa, direcionado para um público que nele se reconheceria, embora nele não venha referido. Mas há também no sermão outras intenções, aí inseridas de forma rápida e enviesada (por não constituírem a essência da mensagem a veicular), mas a que Soror Maria do Céu não deixa de aludir, por esse modo denunciando o olhar atento e interventivo que sempre manteve com a sociedade do seu tempo<sup>26</sup>. Mas, ainda que em formulação às vezes irónica, sempre subjaz aos seus textos, particularmente neste sermão, a gravidade que ela entende ser apanágio do pregador e que explanou em *Metáforas de Flores*:

“O pregador verdadeiro significado neste girassol prega só verdades, ainda que lhe peçam subtilezas. Flores, no Sermão, é fazer do púlpito tablado e do Pregador comediante. Não há ofício de maior gravidade que o de um Orador<sup>27</sup>”.

No âmbito desse estatuto, ousará resgatar a imagem feminina que a tratadística da época tanto maltratava, provando que a mulher é digna de honra, capaz de fidelidade. O amor feminino que, numa longa tradição literária portuguesa, foi abordado tantas vezes sob o prisma da “malícia das mulheres”, é, curiosamente, defendido por Soror Maria do Céu. Neste sermão, a religiosa denuncia os guardas homens que se deixaram dormir e descuidaram a vigilância de seu amo, não impedindo a entrada de David na tenda de Saul, onde lhe roubou a lança;

<sup>26</sup> Lembrem-se os seus poemas à moda das saias mais subidas ou dos cabelos mais curtos, por exemplo...

<sup>27</sup> Maria do Céu – “Metáfora VII” de *Metáforas de Flores*. In *Obras Várias e Admiráveis* (...). Lisboa: Oficina de Manuel Fernandes da Costa, p. 13.

critica Adão por não honrar o seu criador e não o amar acima de todas as coisas, deixando-se enredar em enleios amorosos; mas louva a firmeza e a constância femininas através da esposa que Aleixo abandonara e que ainda suspirava por ele após longos anos de ausência:

“(...) escutava suspiros de sua esposa, que a deixara, vivia de suas memórias e morria das suas saudades. (Aprenda desta mulher a firmeza, quem se atreve a dizer que não há firmeza nas mulheres, pois passou de todo o extremo, porque, se como diz Salamão, o amor é como a morte, *Fortis est ut mors dilectio*, passou da morte este amor, porque depois de deixada, sendo a ingratidão morte da fineza, ainda persevera)”.

Aliás, a transposição do Paraíso para o século XVII ajuda a relativizar o amor humano que os homens tanto apregoam, sobretudo em contexto poético e de corte, como fonte de vida: “eles têm a culpa...” A mesma transposição para o século XVII do tempo em que Aleixo viveu (séc. IV) permite resgatar a esposa de Aleixo como símbolo de fidelidade e dedicação. Deste modo, juntamente com o modelo de abnegação e sacrifício que se propunha às noviças através de Santo Aleixo, teriam as mesmas noviças a expressão da confiança de sua Mestra nas suas capacidades de serem firmes, persistentes e constantes no amor a Deus. Uma estratégia eficaz, como se vê, de forte poder persuasivo, pois “o discurso concionatório recebe a sua força pragmática, como instrumento de intervenção, dessa conjugação, aliás óbvia para o homem barroco peninsular, entre o divino e o humano”<sup>28</sup>. E assim, entre modelos de santos e capacidades ao alcance dos mais comuns, recebem as religiosas os ensinamentos para um caminho para o qual devem pedir a graça de o saberem seguir e procurar, para alcançarem a glória do amor de Deus. O sermão encerra por isso com uma petição direta a Santo Aleixo, sem qualquer indicação de que se trate da sua celebração litúrgica:

“E vós, pasmo do mundo, portento do céu, tesouro da graça, espelho da virtude, crédito da natureza, compêndio da perfeição, permiti que saibamos incitar o desprezo com que deixastes o mundo e o fervor com que conquistastes o céu, para que, desprezando enganos e seguindo os vossos documentos, e sacrificando-nos totalmente a Cristo, vamos a lograr o que soubeste merecer, porque, como diz S. Paulo, *non coronabitur nisi qui legitime certaverit*. E assim, perseverando na virtude alcançaremos a graça que é o penhor da glória *ad quem nos perducat*. Três ave marias pede: a primeira, por que se conserve uma vida que importa; a segunda, por que se não acabe uma fé que periga; a terceira, por que se livre uma alma que pena”.

<sup>28</sup> João Francisco Marques – *A Parenética Portuguesa e a Restauração (1640-1668)*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989, p. 241.



De facto, em *A Preciosa. Obras de Misericórdia*, Soror Maria do Céu elogiou Aleixo de forma sintética, mas através de uma estratégia demonstrativa, na qual se formara enquanto produtora de sermões: “Foi Aleixo em sua vida um compêndio de todos os santos e o ser como todos o deixou como nenhum. Diga o seu elogio como não mente o meu pensamento”. Se Aleixo começou por constituir um modelo de virtude que Soror Maria do Céu recomenda em sermão, inicialmente e com grande probabilidade a uma comunidade de noviças, acentuando a radicalidade proveitosa da deixação do mundo, a sua figura e a sua vida servirão, progressivamente, a comunidades mais alargadas: a do mosteiro em geral e a dos leitores da corte, que adquiriam e liam a sua obra impressa.

### Do sermão inédito como origem de genologias editáveis

Como já foi sendo demonstrado ao longo deste texto, este sermão ressoa, na realidade, as temáticas, as funções e as orientações discursivas dos textos que Maria do Céu foi publicando e, nessa permeabilidade, abre-se à nossa leitura, iluminando os seus trilhos de sentido.

O sermão estrutura-se em torno do conceito predicável, que esta religiosa parecia conhecer claramente, o que não era nada de extraordinário, se atendermos às múltiplas incursões de pregadores nos conventos, a convite das madres abadessas e pelas mais diversas circunstâncias. Na sua sequência, procura-se engenhosamente explicar a razão pela qual foi tão intensa e inigualável a fé e a virtude de Santo Aleixo, inserindo-se o texto no género epidíctico ou demonstrativo que Aristóteles enuncia na sua *Retórica*, ao mesmo tempo que realiza uma série de “movimentos” codificados por Tesouro em 1655, pelos quais a religiosa revela a sua individualidade expositiva: instrui, demonstra, argumenta, critica, interpreta, questiona, comenta, surpreende, induz, suplica, deseja, interpela e ora. Se atentarmos que insinua todas estas subtilezas comunicativas numa alicerçada rede de citações bíblicas em latim, como recomendavam os códigos concionatórios<sup>29</sup>, depressa se conclui que não há razões para que “Mulieres in ecclesia taceant” (1 Cor 14,34), pelo menos no interior dos mosteiros, onde a tensão entre pregação e silêncio se traduzia na caminhada para perfeitas, mas que, como se pode confirmar, nem sempre teve como força motriz apenas a oratória masculina.

Contendo uma heterogeneidade compositiva que confirma que não há tipologias puras, este sermão entretece uma rede coesa com outras tipologias discursivas, nomeadamente com a hagiografia narrativa que desde muito cedo se difundiu pelos *Flos Sanctorum* europeus, mas também com os contos de proveito e exemplo, com a narrativa bíblica, com as representações de santos ou com as máximas e sentenças, em que Soror Maria do Céu se destaca entre as escritoras

<sup>29</sup> Cf. Margarida Vieira Mendes – *A Oratória Barroca de Vieira...*, p. 209.



portuguesas da Idade Moderna. Assim, ao situar Aleixo no dia do seu casamento e da sua fuga, Soror Maria do Céu faz desta sequência narrativa um pretexto para a expansão da ideologia do desengano e da *contemptus mundi*, mais do que um momento dramático, pois omite as reações de sofrimento da sua mulher, que bem poderia ter glosado. De facto, a justificação para a atitude de Aleixo, que poderia facilmente resvalar para a sua indiferença à família e aos compromissos, exalta-a Soror Maria do Céu, ao centrar-se no conhecimento de Aleixo da verdadeira realidade:

“(…) Conheceu que a esperança não tinha ser, que a beleza acabava como flor, que a vaidade se desvanecia como fumo, que a vanglória voava como ar, que as riquezas se desvaneciam como terra, que as honras passavam como fantasia, e que tudo era falso, porque tudo era mundo”.

Esta orientação está muito próxima das máximas que Soror Maria do Céu deixou manuscritas (que tive oportunidade de editar em 1992<sup>30</sup>) e que, pela brevidade da formulação, se prestam particularmente à interiorização de conteúdos (um dos objetivos dos sermões em geral). Atente-se, a título de exemplo, na relação do excerto do sermão acima transcrito com a verdade nº 3, “História da Vaidade”: “a Vaidade nasceu fumo, viveu ar, acabou nada”, que retoma as mesmas imagens de fumo e de ar usadas no extrato mencionado no parágrafo acima.

Se é verdade que as redes intertextuais convocadas nos permitem atribuir este sermão a Soror Maria do Céu, se é um facto que “a oratória sacra foi a formação discursiva com mais peso no século XVII português”<sup>31</sup>, se o contexto deste sermão tiver sido o da formação das noviças do Mosteiro da Esperança, se Aleixo se institui neste sermão e noutros textos de Maria do Céu como um santo em tudo superior aos outros santos, então poderíamos concluir que a sua apresentação neste sermão, partindo das palavras de Pedro, aponta o abandono do mundo por Cristo como o modelo a seguir pelas noviças da Esperança. Trata-se, no fundo, de um sermão que, ao fazer de Aleixo um programa hagiográfico, inscrevendo-o numa oratória sacra, se institui, de algum modo, parafraseando Soror Maria do Céu, como um alargado “Conto do Desengano”, de que Aleixo é a alegoria, pois, “nasceu Auxílio, viveu virtude, acabou exemplo”<sup>32</sup>.

<sup>30</sup> Cf. Maria do Céu – Máximas do Século repetidas em Doze Contos. In Isabel Morujão – Verdades do tempo e Máximas do Século: dois manuscritos inéditos de Soror Maria do Céu. Porto. *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*. II Série. IX (1992) 299-307.

<sup>31</sup> Margarida Vieira Mendes – *A Oratória Barroca de Vieira...*, p. 207.

<sup>32</sup> Cf. Maria do Céu – Máximas do Século..., p. 306:

## Crítérios de edição do Sermão

Dada a exiguidade do espaço de que dispomos e a natureza da publicação, salienta-se, sobretudo, que se procedeu, nesta edição, à modernização ortográfica possível, de forma a não se perder de vista o estado da língua na altura. A intervenção visou sobretudo os elementos que não tinham, na época, expressão fónica, mantendo-se os casos de polimorfismo, de síncope e de metátese (experimentado; pordígio; etc.). De um modo geral, eis as intervenções mais significativas:

- 1 – Desenvolveram-se as abreviaturas, sem assinalar.
- 2 – Corrigiram-se gralhas óbvias, sem assinalar.
- 3 – Corrigiram-se gralhas menos óbvias, assinalando as intervenções entre parênteses retos.
- 4 – Transcreveram-se palavras cuja leitura suscitava alguma dúvida seguidas de um ponto de interrogação e entre parênteses retos.
- 5 – Assinalaram-se as mudanças de página do manuscrito com //.
- 6 – Mantiveram-se alguns arcaísmos linguísticos, para não desfigurar sinais do estado da língua da época: *munto*, *adonde*, *rezão*, *per*.
- 7 – Atualizou-se a grafia dos pronomes clíticos pela introdução do hífen atual. *Custavalhe* passou a *custava-lhe*.
- 8 – Fixou-se o ditongo nasal *am*, de acordo com a grafia atual. *Adam* passou a *Adão*.
- 9 – Alteraram-se os grafemas <j> e <v> para <i> e <u>, respetivamente, sempre que representavam sons vocálicos. Procedeu-se à operação inversa, sempre que <i> e <u> representavam sons consonânticos.
- 10 – O grafema <y> atualizou-se para o atual <i>. *Mayor* passou a *maior*.
- 11 – Procedeu-se a uma simplificação das consoantes geminadas sem valor fonético. *Aquelle* passou a *aquela*.
- 12 – Suprimiu-se o <h> inicial e medial, sem valor fonético. *Ahi* passou a *ai* e *he* passou a *é*. Em contrapartida, introduziu-se o <h> inicial de acordo com os códigos de grafia atual: *aver*, *homem* e *herdeiro* passaram a *haver*, *homem* e *herdeiro*.
- 13 – Atualizou-se a grafia do ditongo crescente depois de -q ou -g, conforme o uso atual. *Agoa* passou a *água*.
- 14 – Atualizou-se a grafia *ão* nas formas verbais, distinguindo o futuro do pretérito perfeito do Indicativo que na altura tinham uma grafia indiferenciada. Ex: *Entrarão* e *entraram*.
- 15 – Atualizou-se a grafia dos ditongos orais: *ceo* passou a *céu*.
- 16 – Atualizou-se a grafia de *ea* e *eo* para *eia* e *eio*, por já não corresponderem, na época, a um hiato.
- 17 – Atualizou-se a grafia *io* em *iu*, como em *seguio*, que passou a *seguiu*.



18 – Atualizou-se a grafia alternante entre <o> e <u>: *sospiro* e *molher* passaram a *suspiro* e *mulher*.

19 – Atualizou-se *hũa* para *uma*, por já não existir, na época, um hiato nasal com expressão fónica.

20 – Nas citações latinas da Bíblia, repôs-se a grafia correta, de acordo com a Vulgata.

21 – Interveio-se o mínimo possível sobre a pontuação, registando-se sobretudo a troca de dois pontos ou de ponto e vírgula por vírgula ou ponto, de acordo com o uso atual.

22 – Atualizou-se a acentuação, uma vez que, no séc. XVIII, não havia um código coerente de acentos.

\* \* \*

Sermão do Glorioso Santo Aleixo, escrito pelo singular engenho de uma senhora religiosa do Convento de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Esperança desta cidade de Lisboa no ano de 1699.

*Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te: Math 19 in cap.*

Se às maiores maravilhas se seguem iguais suspensões, se do maior pordégio// só pode ser relator o silêncio, mais parece arrojo da temeridade que impulso da devoção pertender hoje reduzir a palavras uma maravilha que emudece a melhor retórica, e fiar do discurso um pordégio, que ao mais pre[s]picaz entendimento pode servir de embaraço. Porém, considero que sempre a fortuna favoreceu a ousadia, porque ainda quando lhe nega a sastifação no que busca, lhe deixa a glória no que intenta, que é crédito do valor aspirar ao mais singular, ainda que parece o mais difícil. E assim fazendo timbre de emprender este impossível, intento descobrir no Evangelho o amor de Aleixo que hoje tomo por assunto, para dizer deste portento da virtude, deste pordégio da graça, o que pode explicar quem o não pode compreender.

Porpõe-nos o Evangelista S. Mateus, nas palavras do tema, aquela gene//rosa fineza de que S. Pedro fez alarde, para facilitar uma pertensão bem fundada no seu merecimento, dizendo a Cristo o que por seu amor deixara, e o affecto com que o seguiu: *Reliquimus omnia et secuti sumus te*. E eu acho que são estas as mais adequadas ao meu intento, pois nelas vejo o amor de Aleixo com muitas vantagens encarecido e o seu extremo por todas as circunstâncias singularizado. E assim mostrarei que excedeu a Pedro no que deixou e no como seguiu, ficando pelo que deixou o mais amante, e pelo como seguiu o mais extremoso. Vamos ao que deixou.

Alega Pedro a Cristo os serviços, como se houvera mister memoriais para os prémios. No mundo anda tão desvalido o merecimento, que ainda que dê brados



a rezão, nunca tem ouvidos a fortuna. Mas no céu, como militam outras leis, não é necessário que peça o que merece quem// merece o que pede. Porém Pedro a toda a lei quis requerer sua justiça, e assim diz a Cristo que por seu amor deixou tudo: *reliquimus omnia*. No mundo tudo é nada, mas faz a vaidade tanto caso destes nada do Mundo, que, devendo só ser motivo para o desengano, são enredo para o cuidado. Nestes vivia Pedro tão satisfeito com o seu barco, tão preso com as suas redes, tão engolfado naquele exercício de pescador, que não invejava palácios nem apetecia tronos, e por isso com razão acha que fez munto em largar uma vida em que estava, com trabalho mas sem desejos; custava-lhe o que alcançava, mas contentava-se com o que conseguia, e sendo a vida humana uma perpétua contenda, como disse Job, *militia est vita hominis*, para a qual se formaram de pensamentos os exércitos, sendo cabos os desejos, sentinelas os cuidados, espia a esperança, arma o sofrimento, inimiga a fortuna, e campo o coração desta viva guerra, a que só põe tréguas a morte, deixando despojos os brios, estragos os alentos e triunfos os desenganos. Tinha esta vida de Pedro a felicidade na satisfação e de deixá-la faz tanto caso, que por realce de seu amor o encarece a Cristo. *Reliquimus omnia*. Bem está a fineza de Pedro. Vejamos agora como a excedeu Aleixo.

Nasceu Aleixo de Mãe estéril, para que visse o mundo que não era tributo da natureza, senão privilégio da graça. Foi concedido à terra por favor porque estava o céu avaro daquele tesouro, para que se conhecesse o que valia sequer pelo que custava. Enfim, nasceu nobre, que é o de que o mundo faz timbre, teve bem adquiridas as riquezas (que isso se chama fortuna) foi em casa de seus pais único, por isso o emprego de seus cuidados, os quais vendo-se na sua educação // tão bem luzidos, quiseram descansar com dar-lhe estado. Desposou-se Aleixo fazendo acto de obediência, o que pudera ser resolução da mocidade, e quando o mundo o convidava para lograr-se dos falsos bens que promete, brindando-lhe os olhos com aquele encanto dos sentidos, feitiço da memória, grilhão da vontade, a beleza digo da sua esposa, oferecendo-lhe a vaidade a pompa da riqueza, a vanglória da fidalguia e, finalmente, deixando-lhe em tudo o que possuía a fé do que esperava (que às vezes mais lisonjeia uma esperança do que se dificulta, que uma posse do que se logra), segurando-lhe aumentos na honra e felicidade na vida. Aleixo aspirava só à sua glória, fez pouco caso das honras, desprezou as riquezas, fugiu da vanglória, deu as costas à vaidade, deixando a beleza e fugindo da esperança, porque conheceu que // a esperança não tinha ser, que a beleza acabava como flor, que a vaidade se desvanecia como fumo, que a vanglória voava como ar, que as riquezas valiam como terra, que as honras passavam como fantasia, e que tudo era falso, porque tudo era mundo. Tomando por farol o desengano, por guia a verdade, por caminho o desprezo, deixando as memórias do que era pelas resoluções do que queria ser, fez do mundo retiro, fugindo da casa de seus Pais a noite de sua voda, deixando o que podia querer e pisando tudo o que podia esperar, olvidando as prosperidades de poderoso pelas esperanças de mendigo,

apetecendo antes os desprezos de humilde que as estimações de ilustre, fazendo pouco caso em largar de sua casa os regalos, por experimentar de sua peregrinação os abatimentos, deixando finalmente o em que mais deixava, que era o amor de seus Pais, que é certo mais faz quem larga o que ama // que quem deixa o que logra. Este affecto a que chamamos amor, este amor a que o mundo finge Deus, este Deus a quem a experiência chamou cego, consiste na união de duas vontades, na equivocação de duas almas, na transformação de dois objectos: só verdadeiramente sabe amar quem finalmente deixa de ser o que era, para ser o mesmo com o que ama. Não pode haver distinção de pessoas adonde se protesta extremo de finezas, pois logo quem deixa o que ama deixa o que é. E para ser esta a maior fineza, tem da sua parte a opinião de S. Gregório, que diz *Minus quippe est abnegare quod habet, valde autem multum est abnegare quod est*. E para que não fiquem em dúvida os quilates desta, vamos acrisolá-la à Escritura. Lá quis Deus fazer exame do amor de Abraão, aquele seu mimoso Patriarca, não porque lhe duvidasse o affecto, mas para que //fosse público o seu extremo. Manda-lhe fazer aquele aplaudido sacrificio, dizendo-lhe: *tolle filium tuum unigenitum quem diligis Isaac*. Ol[h]a, Abrão, esse filho que amas é que quero me sacrifiques. Aqui entra agora o meu reparo: não era Isaac concedido por misericórdia aos rogos de Sara, às suas orações, às suas lágrimas? Não era único em casa de seus Pais? Não era a cifra das suas esperanças? O amparo de seus gostos, o herdeiro da sua fazenda, o chefe da sua nobreza, o alento da sua vida e a metade da sua alma? Pois porque só lhe fala Deus no que ama: *quem diligis*. Seria porque estava Deus cioso de ver a Abraão em Isaac tão empregado (que Amor verdadeiro não consente affecto repartido, nem cuidado participado e por isso queria tirar-lhe dos olhos quem era objecto de seus agrados)? Não, que Abraão amava como Deus queria, e estimava a Isaac só por//que Deus lho dera. Pois porque particulariza esta circunstância? *Quem diligis*. Porque queria encarecer o a que o chegava a obrigar. Tudo era menos que o amor que Abraão tinha a Isaac para sentir a separação que a morte havia executar. E por isso faz Deus tanto caso desta fineza, que se contenta com que chegue a intentá-la, e quando já Abraão perpara a lenha, ata o filho e levanta o cutelo, manda um Anjo que lhe suspenda o golpe: *Non extendas manum tuam super puerum*: porque querer perder o que amava e detreminar-se a viver sem quem queria bastava para que em Abraão ficasse acreditado o seu extremo pelo mais singular, se os de Aleixo lhe não chegaram a exceder. Abraão por não faltar aos preceitos de Deus se detreminou matar o filho, Aleixo só por seguir do seu fervor os impulsos se resolveu a morrer para os pais: em // Abraão foi forçosa aquela obediência, em Aleixo foi voluntária esta execução. Abraão amava muito a seu filho, mas Aleixo parece havia de amar mais a seus pais.

Todos sabem que o Amor nasce dos affectos e vive dos beneficios, porque suposto que há quem diga que o Amor há-de seguir aquela metáfora com que já o quiseram pintar *ardens et independens*, isso são extravagâncias da fineza, porque



na realidade donde há mais motivos para agradecer há mais incentivos para amar. O que suposto é certo que mais hão-de querer os filhos que devem a seus pais o ser, a criação, o ensino e o luzimento, que os pais aos filhos, a quem nada disso deveram. Segue-se logo que mais queria Aleixo do que Abraão, e assim foi maior a sua fineza, tendo assinalada a vantagem, que Abraão intentou-a, mas suspendeu-a. E Aleixo não só teve resolução mas executou-a, e por isso digo que sacrificou // mais que Abraão, e que deixou mais que Pedro, porque se Pedro deixou as pobres redes, Aleixo largou os melhores lanços. Pedro depois de chamado três vezes largou o pouco que possuía, Aleixo à primeira expiração largou tudo o que esperava. Pedro desprezou as suas redes depois de lográ-las, Aleixo cortou as suas esperanças antes de consegui-las. A Pedro ameaçavam já o mundo com desenganos, porque o tinha seguido, a Aleixo prometia fortunas, porque o não tinha experimentado. Alegue pois embora Pedro o que deixa, que Aleixo mais amante se acredita no que despreza: *reliquimus omnia*.

Temos visto como foi mais amante no que deixou, vejamos agora como foi o mais extremoso no como seguiu: *et secuti sumus te*. Todos os santos seguiram a Cristo pelo caminho da cruz, porque // ele nos ensina ser este o mais seguro: *tollat crucem suam et sequitur me*. Pois se isto fizeram todos, e isto faz Aleixo, em que faz logo Aleixo mais que todos? Lede a sua vida e achareis a singularidade da sua cruz. Depois que Aleixo, na sua peregrinação, foi um milagre da graça, um pasmo da natureza, um espelho da virtude e um compêndio de maravilhas, querendo remontar-se mais que todos em seguir a Cristo, tomo[u] para o seu caminho uma nunca usada senda, para que não tivesse parelha a singularidade de sua fineza, e para este efeito, podendo escolher um deserto para a sua soledade, uma gruta para a sua penitência, não satisfeito com este modo de padecer, quis o seu amor inventar um martírio mais activo, que lhe apurasse o sofrimento, e com este fervor se foi a casa de seu Pai, adonde ao primeiro encontro se viu desconhecido, e se experimentou // vitu//perado, cousa bem usada em o mundo, que para os que padecem pobreza falta o conhecimento para o amparo e sobra a crueldade para o vitupério. Mas para o ânimo de Aleixo não é este golpe rigoroso nem amargo, porque para maiores assaltos vinha prevenido, e para ter ocasião de suportá-los adonde mais havia de senti-los, se valeu de uma memória sua para alcançar de seu Pai uma lástima. E lhe pediu que para que Deus lhe deparasse um filho que chorava perdido, se lembrasse de um homem que vivia desamparado. Enterneceu-se o Pai e mandou que o recolhessem, como pedia, em um canto de sua casa, que havia de ser o campo das mais fortes batalhas e das mais gloriosas vitórias. A este pois chegou Aleixo, porque a tanto chegou o seu extremo, e começou a sentir o que se dispôs a sofrer, porque ainda que dos abatimentos do lugar e dos maus tratos de seus// criados fazia a sua humildade gosto, ali o combatiam inimigos mais poderosos que faziam guerra a seus sentidos, porque ali ouvia Aleixo queixas de sua Mãe que ausente o lamentava, testemunhava penas de seu Pai que ausente

o sentia, escutava suspiros de sua esposa, que a deixara, vivia de suas memórias e morria das suas saudades. (Aprenda desta mulher a firmeza, quem se atreve a dizer que não há firmeza nas mulheres, pois passou de todo o extremo, porque se, como diz Salamão, o amor é como a morte, *Fortis est ut mors dilectio*, passou da morte este amor, porque depois de deixada, sendo a ingratidão morte da fineza, ainda persevera). Aqui pois era para Aleixo a mais forte batalha porque as armas com que o desafiava era o aço da sua firmeza, a pólvora do seu carinho, o fogo do seu afecto, as flechas de suas palavras, e o repetido de // suas lágrimas que como balas de aljófar atirava àquele coração de diamante, que com razão pode blasonar de invencível na resistência deste combate.

Criou Deus a Adão no campo Damasceno e colocou no Paraíso, adonde o constituiu senhor do mundo, e dando-lhe naquele sítio, para seu regalo, dos campos o ameno, das fontes o cristalino, das plantas o vistoso, dos rios o arrebatado, das aves o sonoro, dos frutos o deleitável, das flores o odorífero, rendendo-lhe vassalagem, da rosa a coroa, do cravo a púrpura, da açucena a gala, das mosquetas a fragância, do jasmim o cândido, da maravilha o lindo, do girassol o amante, do malmequer a isenção, do amor perfeito o único, da perpétua a firmeza, da angélica a majestade, da violeta a graça, do lírio a pompa; e finalmente dando-lhe // desta monarquia o império, e em tudo mais o poder, só lhe proibiu provar de uns pomos que estavam em o meio do Paraíso, em que se incluía a ciência do bem e do mal. E para atalhar melhor o atrever-se-lhe, o ameaçava dizendo-lhe *in quacumque die comederis ex eo morte morieris*. Depois que Deus lhe pôs este preceito, e lhe encarregou o governo de todo o mundo, dormiu Adão (Ah como temo que há-de perder o domínio [já?] que se entrega ao sono. Não se compadece bem dromir e governar, porque é incompatível o ceptro com o descanso, e por isso ao leão entre os animais o fez rei a natureza, porque ainda nas realidades de dormido conserva aparências de desperto). Mas deixemos dromir Adão, que o seu sono não foi descuido, foi mistério. Dormido Adão, tirou-lhe Deus a costa, e formou uma (certo que não sonhou ele achar-se com tão boa) companhia.<sup>33</sup> Acorda (que já o dormir // fora grossaria e Adão estava bem criado e era bem entendido), vê a beleza de sua esposa e fica dela tão amante, que logo protesta rendido deixar tudo a seu respeito: *relinquit homo patrem suum et matrem, et adhaerebit uxori suae*.

Afirma também que há-de ser inseparável a identidade de seu amor, porque há-de ser incontrastável a união de seus afectos *et erunt duo in carne una*. Diz finalmente que hão-de ser duas almas em um corpo (já então se costumavam estes encarecimentos à primeira vista). Ah, como é retórico o amor. Logo disse quanto lhe queria, porque, como falava verdade, falou com confiança, por isso o amor no mundo hoje traz venda, porque como é mentira o que trata, não se atreve a andar de cara descoberta; e por isso naquele tempo não havia outro homem, para que

<sup>33</sup> Mudei o parêntesis, para fazer sentido. Julgo que este estava a mais.



se entendesse que como aquele // não havia de haver outro em nenhum tempo. Finalmente íntima Adão a Eva de Deus o preceito, ensina-lhe o pomo. Vai Eva passeando pelo Paraíso, chega à árvore, olha para a fruta, parece-lhe bem (valha-te Deus por mulher), encontra a serpente, põe-se com ela aos resumos (mal me parece esta prática). Eva dá ouvidos, pois teme enganar. Oh como lhe há-de pesar desta atenção que agora não pesa (mas como elas querem saber nem o diabo lhe escapa). Diz o Demónio a Eva que será como Deus se comer o pomo, e que saberá tudo o que ignora: *Eritis sicut Dii, scientis bonum et malum*. Apetece Eva a semelhança, deseja a ciência (devia de ser para penetrar o coração de seu esposo, porque como o tinha ouvido tão amante, quis examinar se era verdadeiro; el[e?]s têm a culpa deste escúrpolo), comeu o //pomo e porque o achou gostoso repartiu com Adão (ele o amargará) persuadiu-o a que provasse. Ah Eva, não o tenhais tão mimoso, que o deitais a perder. É homem Adão, e favorecido há-de dar em grosseiro. O pomo não deve de estar sazonado, pois vos não ensinou este aviso.

Em resolução, venceu o seu carinho, comeu Adão o pomo, faltou à obediência, quebrantou o preceito, caiu no pecado, veio Deus a buscá-lo (que é timbre do seu amor mostrar-se mais extremoso quando ofendido. Não era este mau costume se se observara no mundo, mas está tão pervertido, que quem vos tem feito mais agravos vos tributa mais obséquios). Entra Deus em contas com Adão, que se tal adivinhara tivera mais conta consigo, pergunta-lhe o que tem feito, para dar-lhe motivo a que se humilhe arrependido à vista do conhecimento próprio. E desculpa-se // Adão nesta forma: *Mulier quam dedisti mihi sociam dedit mihi de ligno et comedi*.

Agora entra o meu reparo: Não foi Adão criado em graça? Não o adornou Deus de todas as virtudes em perfeito grau? Não tinha recebido de Deus tantos benefícios? Que como já disse são motivo de maior amor? Sim. Pois por que não repreende a Eva a inobediência? Por que não serra os ouvidos a seus rogos? Por que faz caso de seus carinhos? Pois estava primeiro que tudo o preceito de Deus? É opinião comum que Adão, por não desgostar a Eva, não reparou em cometer a culpa, ele mesmo o dá a entender nas suas palavras *Mulier quam dedisti mihi*. Assim pois Adão faz mais caso de desgostar a Eva do que de perder a graça, faz mais conta dos seus arrufos que dos devinos preceitos; antepõe o seu amor ao de Deus, sendo criado por ele, e a mais perfeita obra de suas mãos. Pois excede Aleixo a sua virtude, pois leva // a palma a sua constância, pois não bastaram a rendê-lo tantas ânsias, tantas lágrimas de sua esposa, antes adonde Adão achou tropeços para cair, Aleixo buscou armas para triunfar, para que víssemos que a todos excedia no ânimo quem a todos avantejava no martírio de que formou a sua cruz. Nesta continuou toda a vida, por não largá-la até à morte, quando o céu sastifeito ou admirado do seu merecimento, quis dar-lhe o prémio, se já não fosse que o firmamento, por ver a sua constância, invejando-o por estrela mais fixa que as que logra, quis arrebatá-lo ao mundo aquela luz que tinha eclipsado o abatimento.

E Aleixo, querendo merecer tanto no que declarava como no que escondera, quando chegou o termo a sua vida, escreveu uma carta que deixou depois de sua morte, em que dizia quem era, não para cobrar as estimações que desprezara // o seu silêncio, senão também para que o magoasse a pena que havia de causar a seus pais esta nova, que foi tal o seu extremo, que fez dos afectos naturais o mais custoso sacrificio. Esta é a singularidade que a cruz de Aleixo faz às dos mais santos, com que não sendo nenhuma como a sua, foi a sua como todas, porque incluiu as mais. Os apóstolos seguiram a Cristo com a cruz dos trabalhos que padeceram quando o seu nome pregaram. Aleixo pregava com o exemplo, sendo as suas doutrinas as suas virtudes, com que na sua peregrinação convertia os mais perdidos e reduzia os mal encaminhados. Os Má[r]tires seguiram a Cristo, sacrificando seu corpo ao rigor dos tiranos. Aleixo padeceu na alma, sendo amor o seu verdugo, e no corpo sendo o desprezo o seu martírio, e não perdoando-lhe seus próprios criados o mau trato. Os confessores seguiram a Cristo pelo caminho da penitência // e da oração. A penitência de Aleixo foi mais rigorosa, a oração foi mais alta. Diga-o a sua vida. As Virgens seguiram a Cristo desprezando os gostos da terra e aspirando aos do céu. Aleixo de sorte deixou o mundo, que dele só lhe ficou o desprezo; de sorte fugiu aos seus laços, que se desasiu de si mesmo, para melhor se unir com Cristo, sendo a sua cruz como todas e nenhuma como a sua cruz, porque teve esta de mais singular a particularidade que se não achou em as outras, e foi que os demais santos para se livrarem das prisões do mundo fugiram para o deserto, ausentaram-se de casa de seus pais, buscando o retiro por sagrado. Mas Aleixo buscou a casa de seus pais e na ocasião que o podia prender é que se soube desasir. Livrar-me do perigo porque lhe fujo é cautela munto necessária à fragilidade humana, e isso fizeram todos; mas buscar o perigo para vencê-lo e da ocasião de ruína fazer // fundamento para a fortaleza, foi ardil que o amor de Aleixo soube acreditar-se superior, e para que não fique sem prova a singularidade desta fineza, me parece que a temos na Escritura.

Aquele discreto sem presunção, poderoso sem soberba, valente sem arrogância, arrojado sem temeridade, e finalmente aquele varão perfeito, ao coração de Deus tão parecido, o Real profeta David, depois de vencer ao Gigante, sendo este triunfo o que deu asas à sua fama e azos à inveja de Saul, que assim se malquistou o merecimento a quem sabe invejá-lo e não sabe segui-lo; e assim o perseguia só porque o povo o amava. Andando pois David desterrado por fugir a este inimigo, que por não deixar-lhe em nenhuma parte descanso até aos desertos foi buscá-lo, soube que era chegado, mas não teve medo, porque estava o seu valor tão exercitado em triunfos, como desa//costumado de receios, informou-se donde assistia e veio adonde estava uma noite (não por valer-se de seus rebuscos por cobardia, mas per conseguir melhor a sua indústria com esta cautela). Acompanhava-o Abisai seu soldado, que dos leais basta um, entraram pelo campo e baldando das espias o cuidado, e diz a Sagrada Escritura que acharam a Saul dromindo na sua tenda de



campo, e à cabeça tinha a lança com que intentava verter-lhe o sangue: *inven-runt Saul jacentem et dormientem in tentorio et hastam fixam in terra ad caput ejus*. Dormiam as guardas, porque do ofício só tinham o nome, e dizer que o capitão também dormia, que os vassalos há anos que velam para a lisonja e dormem para a fidelidade, mas adonde a crueldade domina não há sem razão que não tenha entrada. Neste estado achou David a seu inimigo, tão sem cautela como // se não tivera culpa. Aconselhou-lhe Abisai que lhe tirasse a vida, pois que Deus lhe oferecia a vitória e lhe escusava a batalha, mas David lhe afeou como delito o que ele lhe ditava como acerto, advertindo-lhe que primeiro estava o respeito de Deus de quem Saul era ministro: *quis enim extendet manum suam in ministrum*<sup>34</sup> *Domini*. E assim, não querendo levar-lhe a vida, se contentou com levar-lhe a lança e um vaso de água que aí tinha e tornou-se para o monte. Dele chamou a Abner, o qual acordou mui zeloso do descanso de Saul, perguntando-lhe quem o perturbava (devia de sonhar com a obrigação que tinha, pois acordou com o cuidado que não tivera). Repreendeu-lhe David o entregar-se tanto ao sono quando seu Rei lhe entregara o guardá-lo, porque o mesmo zelo argui o mesmo que o favorece, quando se não ajusta com a razão. Finalmente, mostrou-lhe a lança, dando-lhe a conhecer a ocasião // que tivera de tirar-lhe a vida, e retirou-se.

Pergunto agora: David satisfaz assim a sua ofensa? Não, porque esta acção não foi vingança. Livrou-se da crueldade com que Saul o perseguia? Não, porque ele de benefícios não se obrigava. Pois logo que intentou ou que conseguiu? Queria David antes os créditos da sua fama que os seguros da sua vida e assim, para eternizá-la com singularidades de única, achou que era acção mais heróica que as que lhe repetiam com o aplauso vencer uma ocasião que lhe oferecia a fortuna para a sua vingança. Por isso deixou Saul com vida, e foi tão singular esta vitória, que o mesmo Saul a chegou a aplaudir (que não há maior abono que os louvores de um invejoso). Mas quem não havia de admirar o valor com que David venceu o mais em vencer-se a si, sendo ocasião que o pudera arrojar o asilo de que se soube valer. Pois logo se vencer // a ocasião é maior vitória, porque já o resistir custa a maior batalha, bem se segue que Aleixo alcançou o maior triunfo, pois em casa de seus pais, adonde era tão contingente o cair, foi tão raro o seu valor para vencer, ficando a sua glória a maior pela vitória e a sua cruz a mais cruel pela batalha.

Com razão digo eu logo que foi Aleixo o mais amante no que deixou, e o mais extremoso no como seguiu, excedendo a todos no como seguiu, e a Pedro no que deixou, por mais que alegue Pedro: *ecce nos reliquimus omnia et secuti sumus te*. Continua ele e diz a Cristo: *quid ergo erit nobis?* Que prémio podemos esperar, Senhor? Agora perguntaremos nós que prémio alcançará este portento da santidade, pois deixou com maior resolução e seguiu com maior extremo? Mas

<sup>34</sup> Na Vulgata, a versão é *in christum Domini*.

quem poderá entender o que chegou a alcançar? Seria querer abreviar o oceano, numerar o infinito, compreender o imenso, facilitar o impossível. E, finalmente, empreender o teme//rário. Mas já que por ser tanta a sua glória, que excede a toda a capacidade e se dificulta à nossa notícia, empenhe-se a nossa devoção em merecer o seu patrocínio, para que algum dia cheguemos a participar o que logra.

E vós, pasmo do mundo, portento do céu, tesouro da graça, espelho da virtude, crédito da natureza, compêndio da perfeição, permiti que saibamos incitar o desprezo com que deixastes o mundo e o fervor com que conquistastes o céu, para que, desprezando enganos e seguindo os vossos documentos, e sacrificando-nos totalmente a Cristo, vamos a lograr o que soubeste merecer, porque, como diz S. Paulo, *non coronabitur nisi qui legitime certavit*<sup>35</sup>. E assim, perseverando na virtude alcançaremos a graça que é o penhor da glória *ad quam nos perducatur*. Três ave marias pede: a primeira, por que se conserve uma vida que importa; a segunda, por que se não acabe uma fé que periga; a terceira, por que se livre uma alma que pena.

FIM

<sup>35</sup> Na Vulgata, *certaverit*.